

VEm Virtual Exchange Medium

Informativo dos PCIs da Cesu

Fazer COIL permite enxergar que há pessoas no mundo que são como eu, permite ver questões como as consequências da escravidão no Brasil e nos Estados Unidos. Os estudantes merecem trazer sua cultura para a sala de aula. Parte do que vamos fazer nos próximos cinco anos envolve o **pensamento inclusivo** e a **interseccionalidade**. Como falamos sobre ações sociais, ambientais e econômicas de pessoas e comunidades, o que fazemos nos negócios afeta o clima e a todos nós. Outros aspectos envolvem as desigualdades sociais e a maior participação de pessoas que não são brancas e não falam inglês. Há medo e é preciso coragem, é difícil e então há uma maneira de ter conversas e experiências incríveis e reconhecer que cada um de nós pode estar no centro. Acho que o COIL vai mudar nos próximos cinco anos se mais pessoas fizerem projetos no **ensino fundamental e médio**: trabalhar por meio das culturas cada vez mais cedo. Um dos objetivos que estou buscando é obter informações na comunidade COIL – Centro Paula Souza, SUNY, Florida International University, DePaul, enfim, onde quer que possamos descobrir como fazer *crowdsourcing* e compartilhar essas informações com toda a comunidade, para que não fiquem isoladas em silos. Quero que possamos usar **big data** e extrair informações para os projetos COIL. Que possamos usar *hashtags*, *wikis* ou formas de compartilhar informação por meio das comunidades e aprender com isso. E isso é algo que eu, como designer instrucional, sei que é possível.

Cronologicamente falando, quais foram os avanços mais significativos dos projetos COIL?

No início dos anos 2000, usávamos o Skype e estávamos apenas tentando descobrir como fazer essa coisa de videoconferência e quais ferramentas on-line usar. Nessa primeira onda, a pergunta era: **como** fazer? Depois, entre 2017, 2018 ou mesmo 2019, a pergunta passou a ser **o que** vamos fazer?

Quando veio a pandemia, as pessoas começaram a se interessar pelo COIL como uma alternativa para expandir as possibilidades de internacionalização para mais estudantes e incluir as pessoas com menos recursos financeiros, como uma comunidade de prática que poderia ser incluída na sala de aula em vez de uma atividade extracurricular. Viajar, apenas 1% consegue.

A terceira onda, de agora em diante, envolve a questão: **por que** fazemos COIL?

Como abordamos e incluímos diferenças na nossa comunidade, aprendendo sobre os outros e **como** superamos essas diferenças?

Com a pandemia e o assassinato de George Floyd, foi preciso repensar, reposicionar todo o programa internacional. O que os programas internacionais e de educação global fornecem de melhor?

São conversas sobre cultura e aprendizado experiencial. Portanto, é preciso consolidar a confiança e buscar o "timing" adequado com base na comunicação. Isso é o que eu amo tanto no COIL: é uma oportunidade entusiasmante, mesmo quando tantas coisas dão errado.



SUNY Oneonta